

In Memoriam

VICTOR DE SÁ (1921-2004)

Na história recente da nossa Faculdade de Letras, em especial no período de transformações profundas do ensino e da investigação universitárias que se viveu entre 1974 e inícios da década seguinte, o Professor Victor de Sá desempenhou um papel activo que merece ser evocado. Entre outros aspectos da sua acção, saliente-se o contributo decisivo para a estruturação de uma área de História Contemporânea, até então inexistente. E, sobretudo, a importância que sempre atribuiu à investigação como elemento essencial da actividade académica, estimulando todos os seus estudantes a elaborarem trabalhos de pesquisa e batendo-se pela criação de estruturas e incentivos de apoio aos jovens investigadores. Nesse sentido, deu um contributo decisivo para a criação do novo Centro de História da Universidade do Porto, que reuniu uma biblioteca especializada e apoiou activamente a preparação de dezenas de teses de doutoramento (mais tarde, também de mestrado), além de inúmeros trabalhos de iniciação à investigação de estudantes de licenciatura. Em 1991, por altura da sua jubilação na Faculdade de Letras, promoveu, através de um generoso legado ao Conselho Cultural da Universidade do Minho, a instituição do Prémio de História Contemporânea, destinado a estimular jovens investigadores.

Victor de Sá acreditava, sinceramente, na história como instrumento de cidadania, chave de reflexão e diálogo para «repensar Portugal» e o mundo. Para ele, a história, «conhecimento racional, crítico e sistematizado das grandes linhas de evolução ou transformação das sociedades» é uma «tomada de consciência do homem considerado colectivamente. [...] É que o passado não vale por si exclusivamente, mas sobretudo pelo que responde às inquietações do presente. Ao mesmo tempo, é da visão dos factos contemporâneos que subimos até à compreensão dos factos pretéritos. O historiador que seja apenas o descobridor ou coleccionador de factos do passado, aquele que se fecha nos arquivos de olhos cerrados para a realidade contemporânea que o cerca, mais tenderá a mitificar a história do que a cientificá-la. [...] É preciso ser cidadão na sociedade contemporânea, intervir nela, para compreender a sociedade remota. Este historiador-cidadão é o que estará apto a interrogar o passado e dele recolher respostas válidas às inquietações presentes e à abertura de caminhos para o futuro»¹.

De resto, Victor de Sá manteve-se, desde a juventude, fiel à dupla preocupação de democratização da cultura e da sua eficácia social, enquanto instrumento de reflexão e transformação

¹ SÁ, Victor de, 1975 — *A História em discussão*, Lisboa, Dom Quixote, p.20.

da sociedade existente. Foi nessa linha que empreendeu um longo combate pela divulgação do livro e pela educação popular. Em 1942, com 21 anos, lançou a experiência das Bibliotecas Móveis, um dos mais belos exemplos da sua acção cívica². Desde os dezasseis anos, apesar do contexto político desfavorável à participação activa dos cidadãos na vida pública, mais ainda numa pequena cidade como Braga, onde vivia, Victor de Sá não só assumiu, corajosamente, uma contínua intervenção na imprensa local, como se relacionou, desde cedo, com algumas personalidades marcantes da cultura portuguesa, entre os quais Agostinho da Silva, apresentador do seu primeiro livro, *A Mocidade de Antero*, publicado em 1942. Polígrafo e divulgador infatigável, tinha já publicado, por essa altura, mais de centena e meia de artigos em diversos jornais de Braga, Póvoa de Varzim, Ílhavo, Ponte de Sor, Póvoa de Lanhoso, Vila Real de Santo António, Águeda e Montijo³. Data também dessa época, o início de uma frontal e continuada intervenção política de oposição ao regime salazarista, fundando em Braga um «núcleo de resistência e de formação ideológica», que incluía, entre outros, Francisco Salgado Zenha, Armando Bacelar e Flávio Martins, e que se associou à actividade do Movimento de Unidade Nacional Antifascista. Até à instauração da democracia, em 1974, não mais deixará de participar, activamente, em todos os grandes momentos de oposição à ditadura, desde as manifestações do pós-guerra e ao Movimento de Unidade Democrática, formado em 1945, às candidaturas presidenciais de Norton de Matos, em 1949, e de Humberto Delgado, em 1958, até às diversas campanhas eleitorais para deputados, utilizadas pelas oposições para denunciar o regime. Esse contínuo combate político valeu-lhe uma sistemática perseguição pela polícia política, que o prendeu oito vezes, e o impedimento de leccionar no ensino público até 1974. Em 1959, após ter concluído a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concorreu a um lugar de professor na Escola Técnica de Braga. A sua nomeação chegou a ser publicada no *Diário do Governo*, mas não foi autorizado a tomar posse. Em 1963, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, partiu para Paris, onde se manteve até 1969, altura em que concluiu o seu doutoramento na Sorbonne, com a tese sobre *A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*⁴. À chegada a Lisboa, foi preso. Apesar da declarada abertura do regime, o marcelismo não lhe reconheceu nem o título académico nem a sua obra de investigação que abria novos caminhos no estudo da história contemporânea portuguesa⁵.

² Sobre este e outros aspectos da biografia de Victor de Sá, veja-se NUNES, Henrique Barreto, 1991 — *Victor de Sá: um Homem na História*, in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 7-19. Esta colectânea de homenagem ao Professor Victor de Sá foi organizada pelo Centro de História da Universidade do Porto e publicada por ocasião da sua jubilação.

³ Sobre a bibliografia de Victor de Sá, até 1991, veja-se NUNES, Manuela Barreto, 1991 — *Bibliografia de Victor de Sá*, in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 21-51.

⁴ Publicado, nesse mesmo ano, pela *Seara Nova*.

⁵ Destaquem-se, além da sua tese de doutoramento, os estudos sobre pensamento e acção política no século XIX, entre os quais: *Amorim Viana e Proudhon* (Lisboa, Seara Nova, 1960), *Antero de Quental* (Braga, ed. Autor, 1963), *Perspectivas do Século XIX* (Lisboa, Portugalia, 1964), *A Revolução de Setembro* (Lisboa, Dom Quixote, 1969).

Só com a instauração do regime democrático, em 1974, já com 53 anos, Victor de Sá pôde iniciar uma carreira na docência universitária, precisamente na nossa Faculdade de Letras. Porém, apesar do reconhecimento do seu trabalho pelos seus colegas e estudantes, não deixará de enfrentar novas e insuspeitadas dificuldades. As suas provas de agregação, em 1978, são disso exemplo. Versando um tema ainda «melindroso» — o Movimento Operário Português —, suscitaram a posição negativa do júri, reflectindo a incompreensão face à sua obra científica, de investigador, e pedagógica, de professor conceituado e estimado. Tendo interrompido as funções docentes, entre Janeiro de 1980 e Março de 1981, altura em que assumiu o seu lugar de deputado à Assembleia da República, viria, pouco depois, a sofrer graves problemas de saúde, que afectaram o resto da sua vida. Mesmo assim, continuou a conciliar a docência com a produção de novos contributos para a história contemporânea portuguesa. Entre as suas últimas obras, merecem um destaque especial aquelas em que Victor de Sá nos oferece instrumentos de pesquisa, fruto de décadas do seu labor de investigação, nomeadamente o *Roteiro da Imprensa Operária e Sindical, 1836-1986* (Lisboa, Caminho, 1991) e *O Liberalismo Português (1820-1852). Recolha bibliográfica* (Braga, Centro Cultural da Universidade do Minho, 1994), este último em colaboração com Fernanda Ribeiro.

Gaspar Martins Pereira

Luís Alberto Alves

